

A RELEVÂNCIA DA DIMENSÃO LÚDICA NA ETAPA DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Patricia Ribeiro de Sales Pereira

Universidade Estadual da Paraíba

<http://lattes.cnpq.br/6376094304002336>

<https://orcid.org/0009-0002-5261-2407>

E-mail: patciaribeirosls@gmail.com

Erivania de Sousa Carneiro

Universidade Estadual de Rio Grande do Norte

<https://lattes.cnpq.br/0487704694412921>

<https://orcid.org/0009-0005-4952-132X>

E-mail: proferivaniasc@gmail.com

Maria Samara Bolconte da Costa

Unopar

<http://lattes.cnpq.br/5774146021825031>

<https://orcid.org/0009-0002-7611-3960>

E-mail: mariabolconte@gmail.com

Amélia Rodrigues de Sousa Neta

Universidade Estadual da Paraíba

<http://lattes.cnpq.br/2216615095486221>

<https://orcid.org/0009-0001-1768-6526>

E-mail: ameliarodriguesousa@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N1>

DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2024.V3N1-29>

RESUMO: Atualmente, a ludicidade desempenha um papel crucial no desenvolvimento infantil, promovendo o aprimoramento de diversas habilidades cognitivas, sociais e emocionais. No contexto do Transtorno do Espectro Autista (TEA), é fundamental adotar estratégias de intervenção que incorporem materiais lúdicos, especialmente durante o processo de alfabetização. A interação com jogos, brinquedos e atividades recreativas pode mitigar as dificuldades de alfabetização e influenciar positivamente as habilidades sociais e comunicativas das crianças com TEA. Para abordar esse tema, é necessário explorar conceitos-chave como alfabetização, ludicidade e autismo, conforme delineado por diversos teóricos. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo analisar a relevância das atividades lúdicas no processo de alfabetização de crianças com TEA em ambiente escolar. A abordagem qualitativa e a revisão bibliográfica revelam que as atividades lúdicas desempenham um papel significativo na consolidação do conhecimento, especialmente para alunos autistas.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Alfabetização. Ludicidade

THE RELEVANCE OF THE PLAYFUL DIMENSION IN THE LITERACY STAGE OF CHILDREN WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER

ABSTRACT: Currently, playfulness plays a crucial role in child development, promoting the improvement of various cognitive, social and emotional skills. In the context of Autism Spectrum Disorder (ASD), it is essential to adopt intervention strategies that incorporate playful materials, especially during the literacy process. Interaction with games, toys and recreational activities can mitigate literacy difficulties and positively influence the social and communicative skills of children with ASD. To address this topic, it is necessary to explore key concepts such as literacy, playfulness and autism, as outlined by several theorists. In this context, this study aims to analyze the relevance of playful activities in the literacy process of children with ASD in a school environment. The qualitative approach and literature review reveal that playful activities play a significant role in consolidating knowledge, especially for autistic students.

KEYWORDS: Autism Spectrum Disorder. Literacy. Playfulness.

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo explorar a relevância da ludicidade no contexto da alfabetização de crianças com autismo, destacando o papel crucial dos materiais lúdicos nesse processo. Inicialmente, será realizada uma breve análise sobre a alfabetização no contexto do autismo, abordando alguns métodos e conceitos fundamentais, e em seguida, será discutido como a ludicidade pode contribuir significativamente para a aprendizagem nesse contexto.

A escolha deste tema surge da necessidade de enfrentar os desafios específicos relacionados à alfabetização de crianças autistas, considerando o ritmo gradual e a linguagem limitada que caracterizam muitos casos desse transtorno. Destaca-se a importância do envolvimento tanto dos professores, que precisam adaptar suas estratégias de comunicação, quanto das famílias, que desempenham um papel crucial nesse processo. Os materiais lúdicos emergem como recursos valiosos para o desenvolvimento da linguagem e da alfabetização nesse contexto.

Este trabalho de pesquisa revela a complexidade envolvida na alfabetização de crianças autistas, especialmente considerando a falta de preparo dos professores e o suporte insuficiente das famílias e especialistas. A escassez de materiais lúdicos nas escolas também é uma preocupação relevante, destacando a importância da adequação e aquisição desses recursos pelos educadores.

Espera-se que este estudo possa servir como um recurso importante para alfabetizadores e educadores interessados na temática da alfabetização de crianças autistas com ênfase na ludicidade. Além disso, busca-se incentivar o uso dos recursos lúdicos pelos professores alfabetizadores, reconhecendo sua importância para promover um processo de aprendizagem prazeroso e eficaz para todas as crianças, especialmente aquelas com autismo.

O objetivo central desta pesquisa é analisar como a ludicidade pode contribuir para o pleno desenvolvimento da alfabetização de crianças autistas. Para isso, será realizado um percurso metodológico que inclui a compreensão dos conceitos de autismo, alfabetização e ludicidade, bem como a exploração de como o lúdico é incorporado no processo de alfabetização, utilizando uma abordagem teórica baseada em pesquisa bibliográfica e documental. Este artigo, apresentado como conclusão de curso, reflete sobre a importância desse tema em meio às discussões atuais sobre o autismo no Brasil.

ANÁLISE DOS DADOS À LUZ DO REFERENCIAL TEÓRICO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA), uma condição classificada como um distúrbio do Neurodesenvolvimento, afeta milhões de pessoas globalmente, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU). Geralmente diagnosticado na infância, entre um e três anos de idade, esse transtorno persiste ao longo da vida, impactando a comunicação, aprendizagem e adaptação social da criança.

Embora os indivíduos com autismo apresentem desenvolvimento físico típico, enfrentam desafios significativos para estabelecer relações sociais e emocionais, muitas vezes vivendo em seu próprio mundo. O espectro autista abrange uma variedade de níveis de funcionalidade, cada um requerendo abordagens específicas para lidar com suas demandas únicas.

No contexto educacional, uma das principais barreiras enfrentadas por indivíduos com TEA é a dificuldade em estabelecer interações sociais significativas. Assim, para além da oportunidade de aprendizado, é essencial que a criança com autismo seja capaz de interagir com seus colegas e diversos ambientes de aprendizagem.

Outro desafio comum associado ao autismo diz respeito ao processo de alfabetização. Para algumas crianças com TEA, os métodos de ensino tradicionais podem não ser eficazes ou atrativos o suficiente para estimular o interesse pela leitura e escrita. Nesse sentido, é importante investigar a formação do professor e identificar quais recursos podem ser desenvolvidos por eles para facilitar o processo de alfabetização.

A falta de conhecimento sobre o autismo leva a pensamentos errados sobre o seu comportamento, gerando aversão por parte da sociedade. Desse modo, Orrú (2007, p.37) atesta que,

Quando as pessoas são questionadas sobre o autismo, geralmente são levadas a dizer que se trata de crianças que se debatem contra a parede, têm movimentos esquisitos, ficam balançando o corpo e chegam até o dizer que é perigoso e precisam ficar trancados em uma instituição para deficientes mentais.

É imprescindível realizar uma investigação mais detalhada sobre o autismo, de modo a evitar que a falta de entendimento sobre essa condição resulte em preconceito em relação ao indivíduo afetado. É crucial reconhecer que uma pessoa com autismo é, antes de tudo, um ser humano com suas próprias peculiaridades e desafios decorrentes do transtorno. Portanto, é fundamental buscar conhecimento e explorar o tema do autismo para promover uma maior compreensão e evitar obstáculos no ambiente escolar.

Sabe-se então que, palavra “autismo” vem da palavra grega “autos”, que significa “próprio”. Autismo significa literalmente, viver em função de si mesmo (GÓMEZ; TERÁN, 2014, p. 447). O autismo é categorizado como um transtorno global do desenvolvimento (TGD), impactando múltiplas áreas das capacidades individuais, como comunicação, socialização e comportamento. Enquadra-se dentro de um conjunto de síndromes identificado pelo CID-10 e TID (Transtorno Invasivo do Desenvolvimento), caracterizado por uma variedade de desafios no desenvolvimento humano.

Porém, o autismo recebeu um termo mais atual (TEA) que significa Transtorno do Espectro Autista, pois engloba a síndrome de Asperger, que não é mais vista como uma especificação distinta (FONSECA, 2014, p 11):

Devemos realçar que, ainda hoje, ninguém sabe dizer ao certo e de forma indiscutível, o que é o Autismo. Assim, não podemos nos afastar da recomendação de Leo Kanner em relação à adoção de uma postura

de humildade, cautela diante do tema, já que compreender o Autismo exige uma constante aprendizagem, uma revisão contínua das nossas crenças, valores e dos nossos conhecimentos sobre o mundo e, sobretudo sobre nós mesmos.

Portanto, para obter uma compreensão mais aprofundada e reflexiva do autismo, é crucial continuar estudando e explorar a vasta literatura disponível sobre o tema, reconhecendo a importância de buscar novas formas de aprendizagem. Além disso, é fundamental entender que sempre há mais a aprender.

O número de crianças diagnosticadas com autismo tem aumentado significativamente, embora a falta de pesquisas abrangentes em todos os países, especialmente no Brasil, torne difícil estabelecer números precisos. No entanto, em termos de localização e concentração de casos “os Estados Unidos possuem o maior número de crianças com este diagnóstico, seguindo-se o Brasil, mais propriamente São Paulo, e depois São Luís do Maranhão” (CAVACO, 2014, p.41). Com o aumento da incidência do Transtorno do Espectro Autista e sua diversidade de manifestações, é essencial estar atento às características comportamentais individuais.

A alfabetização é entendida como um processo fundamental de desenvolvimento, no qual as crianças adquirem habilidades de leitura e escrita. Segundo a pesquisadora Magda Soares, alfabetização vai além da simples habilidade de decodificar letras e números, envolvendo também a capacidade de compreender, analisar e produzir textos e operações matemáticas. Portanto, alfabetismo refere-se à habilidade não apenas de ler e escrever, mas também de interpretar e aplicar essas habilidades no dia a dia.

Entendo que o processo de alfabetização de crianças deva ser realizado com prazer e construção e que a estratégia lúdica vem se configurando como uma importante ferramenta para o desenvolvimento infantil e aquisições formais, (KISHIMOTO, 1994,p. 27):

Por meio de uma aula lúdica, o aluno é estimulado a desenvolver sua criatividade e não a produtividade, sendo sujeito do processo pedagógico. Por meio da brincadeira o aluno desperta o desejo do saber, a vontade de participar e a alegria da conquista. Quando a criança percebe que existe uma sistematização na proposta de uma atividade dinâmica e lúdica, a brincadeira passa a ser interessante e a concentração do aluno fica maior, assimilando os conteúdos com mais facilidades e naturalidade.

É notável a importância do professor criativo, que, mesmo diante da ausência de recursos pedagógicos elaborados, pode criar seus próprios materiais educacionais utilizando itens simples ou até mesmo recicláveis. Essa prática simplifica o processo de alfabetização, especialmente para crianças com autismo. Existem diversos sites que oferecem orientações e sugestões para a elaboração e produção de jogos de alfabetização a partir de materiais reciclados, que possuem baixo custo e conseguem cativar o interesse das crianças, tornando o processo de aprendizagem mais acessível e eficaz.

De acordo com Piaget, os jogos representam atividades que facilitam o processo interno de construção da inteligência e das emoções, especialmente quando se considera a seguinte questão: "como o conhecimento é adquirido, ou seja, como se desenvolve a habilidade de conhecer?". Ele ressalta ainda que a atividade lúdica só será verdadeiramente enriquecedora para o aluno quando este estiver totalmente envolvido nela, sendo um recurso adicional para promover o desenvolvimento motor, cognitivo e emocional do indivíduo, BRASIL,(2007, p.18):

A ludicidade pode ser utilizada como forma de sondar, introduzir ou reforçar os conteúdos, fundamentados nos interesses que podem levar o aluno a sentir satisfação em descobrir um caminho interessante no aprendizado. Assim, o lúdico é uma ponte para auxiliar na melhoria dos resultados que os professores querem alcançar.

O professor deve desempenhar o papel de mediador, levando em consideração as necessidades individuais de cada aluno, sua bagagem de conhecimento e experiências, e utilizando atividades lúdicas como complemento à prática pedagógica, em vez de apenas como um momento de diversão ou descanso durante o recreio. Ao entendermos profundamente o valor dos jogos na educação, podemos perceber como eles contribuem para o desenvolvimento integral das crianças.

Acredita-se que ao incorporarmos criatividade, espontaneidade, música, contação de histórias, fantasia e imaginação em nossa abordagem pedagógica, estamos proporcionando às crianças habilidades para buscar novas descobertas e tornando o processo de alfabetização não apenas uma aprendizagem de leitura e escrita, mas uma experiência fundamental e prazerosa no contexto do ensino-aprendizagem.

Portanto, é papel do educador utilizar sua inventividade para criar novos jogos e atividades que auxiliem na alfabetização, além de saber aproveitar os recursos disponíveis na escola e seu próprio conhecimento adquirido em capacitações, a fim de conduzir o aprendizado do aluno em direção aos objetivos estabelecidos. O professor tem a responsabilidade de incentivar a criança na construção do conhecimento. Para garantir resultados positivos na educação de crianças com TEA, é essencial que a abordagem pedagógica esteja preparada para lidar com a diversidade presente na sala de aula, acolhendo de forma adequada as manifestações desse transtorno.

Cunha (2012, p. 100), reforça que “não podemos educar sem atentarmos para o aluno na sua individualidade, no seu papel social na conquista da sua autonomia”. É preciso um olhar diferenciado para entender as especificidades das crianças autistas, vale ressaltar também a questão da afetividade e a construção de reciprocidade que deve ser construída entre docente, discente e família. Esses elementos associados a um bom planejamento que contemplem atividades lúdicas são essenciais para a alfabetização das crianças com autismo.

Para que a mediação educativa aconteça é preciso que o educador conheça os aspectos do transtorno, assim como os métodos e programas desenvolvidos para auxiliá-lo na educação da criança autista. O professor deve conhecer também as dinâmicas institucionais estabelecidas para que atue em consonância com elas. De acordo com Valle e Maia (2010, p.17): “A inclusão escolar consiste no processo de adequação da sociedade às necessidades de seus participantes, para que eles, uma vez incluídos, possam desenvolver-se e exercer plenamente sua cidadania”.

A entrada de indivíduos com autismo na escola regular frequentemente traz uma série de desafios, que acabam se tornando parte da rotina tanto dos professores quanto da instituição como um todo. Uma maneira de melhorar a adaptação e, conseqüentemente, reduzir essas dificuldades e promover a aprendizagem é por meio da adaptação do currículo e dos materiais utilizados em sala de aula.

Segundo Campbell (2009), o autismo pode causar dificuldades na interação com o mundo exterior, incluindo a possibilidade de evitar contato físico, visual e a expressão de emoções. No entanto, devido à natureza do espectro autista, essas características

variam de indivíduo para indivíduo, não havendo dois autistas idênticos. Reconhecer essas características permite que o educador defina estratégias de intervenção, focando nas características mais pertinentes ao momento e ao ambiente da criança.

Assim, o uso de atividades lúdicas deve ser adaptado de forma a ser significativo para a criança, caso contrário não cumprirá seu propósito. Essas atividades precisam ser bem delineadas e direcionadas, a fim de incorporar elementos que reorganizem práticas educativas e avaliativas, além de planejar intervenções e estabelecer o currículo, valorizando as capacidades individuais da criança para que seu potencial seja plenamente explorado.

A aplicação de métodos ou programas específicos para estimular a aprendizagem do autista busca garantir que o aluno desenvolva habilidades cognitivas de maneira mais eficaz, minimizando erros e facilitando seu progresso. Tais métodos podem ser abordados em pesquisas futuras.

Portanto, diante da complexidade educacional envolvida no transtorno do autismo, é fundamental proporcionar orientação e capacitação aos educadores por meio de sistemas de apoio que orientem o processo de ensino-aprendizagem do aluno autista. Isso inclui desmitificar concepções pré-concebidas e não científicas que possam interferir na atuação do educador, visando aprimorar a eficácia profissional e, conseqüentemente, oferecer ao aluno autista a oportunidade de adquirir novas habilidades que contribuam para seu desenvolvimento, especialmente no contexto da utilização de atividades lúdicas no processo de alfabetização

CONCEPÇÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO

O tema do processo de alfabetização tem sido amplamente debatido ao longo do tempo no Brasil, havendo diversas abordagens sobre como ensinar, mas não existe uma fórmula definitiva. O consenso é que os métodos adotados devem considerar o respeito à infância e às diferentes formas de aprendizagem, não se limitando apenas aos métodos tradicionais de ensino. A alfabetização representa uma fase de grandes descobertas e

processos de significação das palavras para a criança. Uma vez adquirida, ela expande seu vocabulário linguístico.

Segundo o dicionário Aurélio, a alfabetização é definida como a "ação de alfabetizar", referindo-se especificamente ao aprendizado da leitura e escrita. Reconhece-se que é um processo gradual e desafiador, exigindo uma série de habilidades psicomotoras que permitem à criança compreender o ambiente e as formas de representação da linguagem. Isso inclui o desenvolvimento da coordenação motora, visão motora, distinção entre imagem e som, além da compreensão da noção de espaço e tempo.

Ferreiro (2000) destaca que o professor não pode ficar limitado às suas próprias experiências como adulto alfabetizado, mas deve adaptar sua perspectiva à da criança para ser eficaz, o que pode ser uma tarefa desafiadora.

Barbato (2008) ressalta a importância das atividades lúdicas como suporte para a alfabetização, argumentando que os alunos do ensino fundamental constroem seu conhecimento através de procedimentos lúdicos, usando a imaginação como um processo diferenciado para a aprendizagem significativa.

Na perspectiva da ludicidade, além de respeitar a infância, as crianças podem se alfabetizar de maneira prazerosa e lúdica. Apesar dos métodos lúdicos de alfabetização estarem disponíveis, alguns professores ainda não adotaram essas novas abordagens. A alfabetização de crianças autistas ainda representa um desafio na sociedade, uma vez que muitos professores podem não estar preparados para atender adequadamente a esses alunos.

O uso de atividades lúdicas emerge como uma estratégia diferenciada e indispensável para motivar o aprendizado nos dias de hoje. É importante destacar que os métodos lúdicos contribuem de maneira dinâmica e agradável para a aquisição da leitura e escrita, especialmente para crianças autistas, que muitas vezes são atraídas por jogos e brinquedos, facilitando assim o processo de ensino e aprendizagem.

CONCEITUANDO O AUTISMO

A palavra "Autismo" tem sua origem no grego "autos", que significa "si mesmo", seguido de "ismo", indicando disposição ou orientação. O termo foi inicialmente utilizado pelo psiquiatra austríaco Eugen Bleuler, em 1911, para descrever a característica de isolamento social em pessoas com esquizofrenia. Em seguida, em 1943, o psiquiatra infantil Leo Kanner foi o primeiro a publicar sobre o autismo, seguido por Hans Asperger, ambos fornecendo relatos detalhados dos casos que acompanhavam e de suas suposições teóricas sobre o transtorno.

Kanner (1943) observou uma série de características no autismo, incluindo dificuldades na interação social, adaptação e reações a mudanças na rotina, juntamente com boa memória e sensibilidade aos estímulos, especialmente auditivos. Ele destacou a inteligência das crianças autistas, apesar das dificuldades sociais, e enfatizou a importância da rotina para elas, ressaltando a dificuldade de inovar em métodos de ensino, principalmente aqueles baseados em atividades lúdicas. Kanner concluiu que o autismo resulta da incapacidade de estabelecer contatos afetivos habituais e naturais com as pessoas.

O DSM-5 (2014) identifica várias características do transtorno do espectro autista, incluindo prejuízo persistente na comunicação social recíproca, falta de interesse social ou interações incomuns, padrões incomuns de comunicação e comportamentos estereotipados ou repetitivos. Muitas dessas características são evidentes desde a infância e podem prejudicar o desempenho social, destacando a importância do diagnóstico precoce para permitir uma intervenção adequada.

O tratamento do autismo geralmente requer uma abordagem multidisciplinar, envolvendo profissionais como psiquiatras infantis, neurologistas, pediatras, professores, psicopedagogos e fonoaudiólogos, entre outros. Embora não haja medicamentos específicos para tratar o autismo, alguns podem ser prescritos para tratar sintomas específicos, como agressividade, ansiedade e hiperatividade.

O Autismo Infantil, definido por Kanner em 1943, é caracterizado por perturbações nas relações afetivas com o meio, solidão extrema, dificuldade no uso da

linguagem para comunicação, potencial cognitivo normal, comportamentos ritualísticos e início precoce, com predominância no sexo masculino, conforme apontado por Tamanaha, Perissinoto e Chiari (2008).

MÉTODOS DE ABORDAGEM PARA SE TRABALHAR COM O ESPECTRO DO AUTISMO

Para além da sua definição e conceito, fundamentais para a compreensão do Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas particularidades, especialmente no contexto educacional e de ensino-aprendizagem dessas crianças com TEA, exploramos diversos métodos utilizados para o "tratamento" de pessoas com autismo, entre os quais se destacam o ABA, PECS e TEACCH.

O tratamento ABA implica no ensino intensivo e personalizado das habilidades essenciais para que o indivíduo possa alcançar independência e uma melhor qualidade de vida. Estas habilidades abrangem desde comportamentos sociais, como o contato visual e a comunicação funcional, até habilidades acadêmicas, como os pré-requisitos para a leitura, escrita e matemática, além de atividades da vida diária, como a higiene pessoal.

Além disso, a redução de comportamentos problemáticos, como agressões, estereotípias, autolesões, agressões verbais e fugas, também faz parte do tratamento comportamental, uma vez que tais comportamentos interferem no desenvolvimento e na integração do indivíduo diagnosticado com autismo. Durante o tratamento comportamental ABA, as habilidades são geralmente ensinadas em um contexto de aluno-professor, com o professor auxiliando a criança através de uma hierarquia de ajuda, conhecida como aprendizagem sem erro.

As oportunidades de aprendizagem são repetidas várias vezes, até que a criança demonstre a habilidade sem cometer erros em diferentes ambientes e situações. A principal característica do tratamento ABA é o uso de consequências favoráveis ou positivas, inicialmente extrínsecas, como uma guloseima, um brinquedo ou uma atividade preferida, com o objetivo de que, com o tempo, as consequências naturais produzidas pelo

próprio comportamento sejam suficientemente poderosas para manter a criança aprendendo.

A Análise Comportamental Aplicada voltada para o autismo baseia-se em diversos passos, como a avaliação inicial, a definição de objetivos a serem alcançados, a elaboração de programas/procedimentos, o ensino intensivo e a avaliação do progresso. Este tratamento comportamental é caracterizado pela experimentação, registro e mudança constante, com a lista de objetivos definida pelo profissional em conjunto com a família, com base nas habilidades iniciais do indivíduo, enfatizando o envolvimento dos pais e de todas as pessoas que participam da vida da criança durante todo o processo.

Em resumo, o ABA consiste em um ensino intensivo das habilidades essenciais para que indivíduos diagnosticados com autismo ou transtornos invasivos do desenvolvimento alcancem independência. Esse tratamento é fundamentado em anos de pesquisa na área da aprendizagem e é considerado atualmente como o mais eficaz.

Já o método PECS, ou Sistema de Comunicação por Troca de Figuras, foi desenvolvido em 1985 como um conjunto único de treinamento aumentativo/alternativo. Ele visa ensinar crianças e adultos com autismo e problemas de comunicação correlatos a iniciarem a comunicação utilizando figuras. O PECS é amplamente reconhecido por sua dedicação aos aspectos iniciais da comunicação e sua abordagem não requer materiais complexos ou dispendiosos, sendo desenvolvido com educadores, cuidadores e familiares em mente, possibilitando sua aplicação em uma variedade de ambientes.

O método PECS é dividido em diversas fases, cada uma visando desenvolver habilidades específicas na comunicação dos indivíduos:

- Na Fase I, os alunos aprendem a iniciar a comunicação trocando uma figura por um item desejado.
- Na Fase II, eles são ensinados a persistir na comunicação, buscando ativamente suas figuras e indo até alguém para fazer uma solicitação.
- A Fase III visa ensinar os alunos a discriminarem figuras e selecionar aquela que representa o objeto desejado.

- Na Fase IV, os alunos aprendem a estruturar uma frase para fazer uma solicitação, utilizando a expressão "Eu quero".
- A Fase V foca em ensinar os alunos a responderem à pergunta "O que você quer?"

Por fim, na Fase VI, os alunos são ensinados a comentar sobre coisas em seu ambiente, tanto espontaneamente quanto em resposta a uma pergunta, expandindo assim seu vocabulário e aprendendo a usar atributos como cores, formas e tamanhos em suas solicitações.

O método TEACCH é uma abordagem de trabalho destinada a pessoas com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), e suas principais características são adaptadas para atender às necessidades específicas desses indivíduos. Este método baseia-se em princípios da teoria comportamental e psicolinguística, onde o terapeuta identifica, especifica e define os comportamentos-alvo a serem trabalhados, desenvolvendo categorias de repertórios para avaliar aspectos da interação e organização do comportamento, bem como o desenvolvimento individual em seus diferentes níveis.

É fundamental que o terapeuta manipule o ambiente do indivíduo com autismo de forma a reduzir ou eliminar comportamentos indesejáveis, enquanto reforça positivamente condutas adequadas. Na área da psicolinguística, o método TEACCH baseia-se na premissa de que a imagem visual é um facilitador da comunicação. A linguagem, inicialmente não verbal, é um sistema simbólico complexo que se baseia na interiorização das experiências, com o corpo incorporando significados por meio da ação no mundo e da progressiva comunicação.

A terapia psicopedagógica do método TEACCH aborda simultaneamente a linguagem receptiva e expressiva, utilizando estímulos visuais, corporais e audiovisuais para buscar a linguagem oral ou comunicação alternativa. Por meio de cartões com figuras, símbolos ou objetos concretos, as atividades a serem desenvolvidas são visualmente indicadas, com os sistemas de trabalho sendo individualmente programados e ensinados pelo terapeuta.

Quando a criança adquire habilidades em uma atividade, ela passa a integrá-la de forma sistemática em sua rotina. Este método busca estabelecer uma ponte entre o mundo

convencional e o mundo do indivíduo com autismo, promovendo uma abordagem que valoriza a singularidade de cada pessoa. Ao criar um ambiente seguro e aceitável, o facilitador busca estabelecer uma melhor interação e comunicação com o indivíduo com autismo, incentivando sua receptividade ao convívio social e à interação.

Assim, esses métodos demonstram a importância de uma interação mais eficaz entre a criança com autismo, seu ambiente social e os objetos que ela utiliza diariamente, destacando a influência positiva da ludicidade no processo de alfabetização dessas crianças. Combinados com materiais lúdicos e a formação adequada do professor, esses métodos promovem um desenvolvimento mais abrangente das crianças com autismo, proporcionando melhorias significativas em sua vida social, cognitiva e comportamental.

COMO A LUDICIDADE PODE CONTRIBUIR PARA O PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO DE CRIANÇAS DIAGNOSTICADAS COM AUTISMO?

Existem diversos debates sobre a relevância do uso de atividades lúdicas no processo educacional de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA). Nesse contexto, é importante destacar a perspectiva de Santos (2008), que enfatiza que, por meio das atividades lúdicas, as crianças assimilam valores, adquirem comportamentos, desenvolvem diversas áreas de conhecimento, exercitam-se fisicamente e aprimoram habilidades motoras. No convívio com outras crianças, elas aprendem a dar e receber ordens, a esperar sua vez de brincar, a compartilhar momentos bons e ruins, a fazer amigos, a ter tolerância e respeito, desenvolvendo, assim, a sociabilidade (Santos, 2008, p. 56).

Portanto, é possível compreender que, diante das dificuldades de aprendizagem enfrentadas por crianças com TEA, as atividades lúdicas assumem um papel crucial, indo além de simples brincadeiras ou diversões, pois desempenham uma função essencial no desenvolvimento motor, cognitivo, imaginativo e social dessas crianças. Para aprofundar nossa compreensão sobre o tema, é necessário entender o conceito de ludicidade.

De acordo com Luckesi (2005), o aspecto mais marcante da ludicidade é a experiência de plenitude que proporciona a quem a vivencia em suas atividades. Embora

seja comumente associada à diversão, o que realmente caracteriza a ludicidade é a sensação de plenitude que ela proporciona durante suas práticas (Luckesi, 2005, p. 2). Isso implica que todas as experiências vivenciadas pela criança, seja por meio de brincadeiras, danças ou atividades recreativas, contribuem para seu crescimento físico, cognitivo e psicológico, não apenas no presente, mas também no futuro.

Considerando as características especiais das crianças com TEA, como a dificuldade de interação social e os movimentos prejudicados, o trabalho do professor adquire uma importância ainda maior. Muitos educadores utilizam a ludicidade para auxiliar no desenvolvimento de seus alunos autistas. Ao empregar atividades lúdicas com essas crianças, o foco principal é a concentração, o desenvolvimento de movimentos que estimulem sua consciência sensorial e motora, atividades afetivas para promover a interação e expressão corporal, além do uso de materiais como massinhas de modelar, tintas e colas para explorar diferentes sensações e espessuras.

Retomando o conceito de Luckesi (2005), a ludicidade é uma experiência de plenitude que permite a vivência plena das ações. Portanto, é essencial que as atividades lúdicas sejam orientadas por mediadores, como professores ou cuidadores, para que sejam integradas à rotina da criança com TEA de forma eficaz, respeitando suas limitações, particularidades e nível de aprendizado.

CONSIDERAÇÕES

FINAIS

Ao concluir esta pesquisa, foi evidente a necessidade de incorporar o elemento lúdico no contexto educacional das crianças autistas, visando o seu desenvolvimento. Os resultados obtidos permitiram promover e disseminar informações nesse campo, gerando discussões significativas e inspirando novas abordagens.

Ficou claro que a ludicidade pode ser moldada e adaptada pelo mediador educacional para integrar-se ao processo de alfabetização, facilitando a aprendizagem das crianças autistas. O uso de atividades lúdicas torna o processo de leitura e escrita mais atraente, respeitando a fase de infância da criança durante sua alfabetização.

Ao longo deste trabalho, foram explorados diferentes métodos específicos para lidar com o autismo, reconhecendo a variedade de abordagens disponíveis e a contínua evolução das práticas. É importante ressaltar que este estudo não é conclusivo e pode ser expandido no futuro, especialmente ao explorar propostas lúdicas direcionadas especificamente para indivíduos autistas.

É fundamental reconhecer que não há um método universalmente eficaz para todas as pessoas com TEA. Cada caso deve ser avaliado individualmente, levando em consideração suas particularidades. No entanto, é evidente que o elemento lúdico oferece benefícios significativos para a aprendizagem, independentemente do contexto. Portanto, cabe aos educadores buscarem constantemente aprimoramento e conhecimento para promover o desenvolvimento abrangente - cognitivo, motor e psicossocial - das pessoas com TEA.

REFERÊNCIAS

- BAPTISTA, Claudio Roberto et al (Org.). **Autismo e educação: reflexões e propostas de intervenções**. Porta Alegre: Artmed, 2002.
- BARBATO, Silviane Bonaccorsi. **Integração de crianças de 6 anos ao Ensino Fundamental**. São Paulo: Parábola, 2008.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. Brasília, DF: MEC, 2007.
- CAMPBELL, S. L. **Múltiplas faces da inclusão**. Rio de Janeiro: Wak. 2009.
- CAVACO, N. **Minha criança é diferente? Diagnóstico, prevenção e estratégia de intervenção e inclusão das crianças autistas e com necessidades educacionais especiais**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.
- CUNHA, E. **Autismo e inclusão: psicopedagogia e práticas educativas na escola e na família**. 4 ed. Rio de Janeiro: Wak, 2012.
- FERREIRO, Emilia. **Alfabetização em Processo**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 136 p.
- FONSECA, B. **Mediação escolar e autismo: a prática pedagógica intermediada na sala de aula**. RJ: Wak Editora, 2014.
- GÓMEZ, A. M. S., TERÁN, N. E. **Transtornos de aprendizagem e autismo**. Cultural, S.A, 2014.

KANNER, Leo. (1943). **Distúrbios autísticos de contato afetivo**. *Criança Nervosa*, n. 2, p. 217-250.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **O jogo e a educação infantil**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1994.

LUCKESI, C.C. **Ludicidades e atividades Ludicas: uma abordagem a partir da experiências Internas**. Nativa - revista ciências sociais: 2 .ed. 2005

ORRÚ, S.E. **Autismo, linguagem e educação: interação social no cotidiano escolar**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2007.

PIAGET, Jean. **Psicologia e pedagogia**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976

SANTOS, Ana Maria Tarcitano. **Autismo: desafio na alfabetização e no convívio escolar**. Centro de Referências em Distúrbios de Aprendizagem. São Paulo: CRDA, 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. 5 ed. São Paulo: Contexto, 2008

TAMANAHARA, A. C.; PERISSINOTO, J.; CHIARI, B. M. **Uma breve revisão histórica sobre a construção dos conceitos do Autismo Infantil e da síndrome de Asperger**. *Rev. soc. bras. fonoaudiol.*, São Paulo , v. 13, n. 3, 2008 .

VALLE, T. G. M.; MAIA, A. C. B. **Aprendizagem e comportamento humano**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2010. **Definições Autismo e Métodos de abordagem**. s/d.

Submissão: agosto de 2023. Aceite: setembro de 2023. Publicação: janeiro de 2024.